

EDUCAÇÃO E MÍDIA: OBSERVAÇÕES CRÍTICAS

Marcos Antonio de Menezes¹

Resumo:

Este artigo discute a utilização das novas técnicas de comunicação de massa no sistema educacional. Buscando uma visão crítica desta interface, faremos o percurso que nos trouxe até este dilema de como usar a mídia no processo educativo, para que não fiquemos acriticamente nos culpando por não saber como aproximar estes dois mundos: o nosso e o de nossos alunos. Vamos, neste sentido, entender, ou melhor, pensar a “crise atual” como sendo remanescente da modernidade.

Abstract:

This article discusses the utilization of the new techniques of mass communication in the educational system. Looking for a critic vision of this interface, we'll do the way that bring us to this dilemma of how to use media in the educative process, for we don't stand a-critically blaming us to don't know how approximate our own world to the world of our pupils. In this sense, we'll not understand but think about the “actual crisis” like a remainder of the modern age.

O mistério é a coisa mais formosa que nos é dado experimentar. É a sensação fundamental, o berço da verdadeira arte e da verdadeira ciência. Quem não o conhece, quem não pode assombrar-se ou maravilhar-se está morto. Seus olhos foram fechados (Einstein).

É inegável a presença das novas técnicas de comunicação que, a cada dia, se aperfeiçoam mais e mais. Se o rádio acompanhou nossos avós, a TV nossos pais e o computador a nós, nossos filhos e alunos têm, além destes veículos à sua disposição, uma série de combinações entre eles que criam outras mídias, sem falar na internet. Se estes meios existem, não podemos nos furtar à sua análise e até a seu uso como instrumento pedagógico. Porém, será que eles estão à nossa disposição nas escolas de ensino fundamental e médio e mesmo nas faculdades? Fomos treinados para usá-los de forma correta? O Estado disponibiliza o acesso a esses veículos para todos? Quem e quantos têm em casa um computador e sabe utilizá-lo de forma adequada?

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná, jornalista profissional e professor da UNIMINAS – Uberlândia. É membro do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais – NIESC do Departamento de História da UFG/ Campus de Catalão e do conselho editorial da revista **ArtCultura**. Autor de *Olhares sobre a cidade* narrativas poéticas das metrópoles contemporâneas, São Paulo: Cone Sul, 2000.

Contam-se maravilhas do computador. A internet promete abrir uma janela na sala de aula. As antenas parabólicas enfeitam os telhados dos estabelecimentos. Será que a escola está dando um passo à frente? As estatísticas recentes e oficiais informam que o projeto ministerial da TV-Escola só atinge um pouco mais da metade dos endereços cadastrados, a sua utilização não ultrapassa um terço da capacidade instalada e menos de 20% dos estabelecimentos conseguem gravar e usar as emissões que partem de Brasília. Melancólica aplicação de recursos públicos, fadados a seguir o mesmo destino das televisões e rádios educativas.

Há quem ache que discutir o papel da mídia na educação é “uma perda de tempo e de energia”. Acreditam que “a questão das Mídias na educação já foi respondida de forma contundente pela própria sociedade e pelo mercado de trabalho”. (Sadek, 1999: 15).

Tal afirmação parece desconhecer que a maioria dos brasileiros está fora da escola e do mercado de trabalho e que uma grande parte de nossa população vive abaixo da linha de pobreza. São 26 milhões na periferia das grandes cidades, segundo dados recentes das Nações Unidas.

Pregar que “a presença, a importância e a necessidade da televisão e do computador são indiscutíveis é uma coisa, agora dizer que é melhor usar o tempo e a energia para pesquisar como trabalhar os movimentos provocados pelas novas tecnologias” (Sadek, 1999: 15) é propor uma sociedade e um modelo educacional mais excludente do que já temos. Querer acreditar que toda família, toda criança tem acesso à televisão e ao computador é, no mínimo, ingenuidade ou má fé. Alguns poucos, os da classe média para cima, até podem chegar à escola já familiarizados com os meios de comunicação, televisão, computador etc.

Acredito que o debate sobre o uso das mídias na educação está longe de ser esgotado, pelo menos em países com tantos miseráveis como o nosso. Enquanto tivermos crianças fora da escola e pais desempregados não podemos implantar um modelo educacional que privilegie, sobremaneira, as técnicas de comunicação de massas. Foi justamente um destes veículos, a televisão, a Rede Globo, o Fantástico, que mostrou, em 16 de janeiro de 2005, centenas de pais dormindo em filas para conseguir uma vaga na escola para os filhos.

Por que usar as novas Mídias, não cabe mais discutir. Duvidar se se deve ou não usá-las parece anacrônico. Ninguém mais de bom senso se

preocupa com isso. Como usar, com que objetivos e que alternativas escolher são as questões que precisam de respostas. E rápidas, antes que a história nos atrole. (Sadek, 1999: 16).

Essa afirmação de José Roberto Sadek, diretor de produção da TV Escola, já citado anteriormente, está publicada em um livro da Série de Estudos – educação a distância do Ministério da Educação. Se tal pensamento reflete de alguma maneira o pensamento do Governo, a questão, então, é mais séria que supomos, pois o Estado deve garantir a todos os mesmos direitos e não eleger alguns poucos.

O autor da frase é que foi atropelado pela história. Ele nega a própria história quando não reconhece as diferenças culturais e econômicas deste país continente. Não me considero anacrônico ao defender a inclusão social e penso que é a isto que deveria servir os meios de comunicação de massas em uma sociedade que respeitasse suas diferenças e que fosse verdadeiramente democrática.

Concordo com ele que “a presença, a importância e a necessidade da televisão e do computador são indiscutíveis”, mas discordo profundamente que esses equipamentos sejam uma unanimidade na vida dos brasileiros a ponto de ocupar o espaço que se quer dar a eles na tarefa de educar. Eles devem ser vistos como bons auxiliares, mas só o regente de classe bem preparado é que vai saber usar estas tecnologias e, infelizmente, em um Estado que repassa a cada dia mais a tarefa da formação educacional de sua população para a iniciativa privada, acredito que tal profissional será cada vez mais uma lenda.

Pelo exposto, já se pode afirmar que esse artigo não é no sentido de discutir como utilizar este ou aquele equipamento de mídia como instrumento de aprendizagem na educação e sim na intenção de historiarmos – fazermos o percurso que nos trouxe até este dilema – para que não fiquemos acriticamente nos culpando por não sabermos mais como aproximarmos estes dois mundos: o nosso e o de nossos alunos.

Vamos, neste sentido, entender, ou melhor, pensar a “crise atual” como sendo remanescente da modernidade e tentar “explorar e mapear as aventuras e horrores, as ambigüidades e ironias da vida moderna” (Berman, 1995: 15).

Segundo o cientista político norte-americano Marshall Berman: “Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e

transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.” (1995: 15).

Ainda segundo o autor:

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, tudo que é sólido desmancha no ar. (Berman, 1995: 15).

Deslocando a frase, “tudo que é sólido desmancha no ar”, que Karl Marx recolheu da personagem Próspero da peça *Tempestade* de William Shakespeare, Berman constrói um panorama no qual a modernidade, ao mesmo tempo em que promete “aventura, poder, alegria, crescimento, ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.

Vista dessa forma, a modernidade é o céu e o inferno. Para que Dante pudesse, novamente, ver sua amada Beatriz, deveria descer até as profundezas do inferno. Prometeu nos libertou, mas ficou acorrentado, preso à maldição de seu pai.

Como herdeira da dupla revolução, industrial e política, nossa época tem como marca o relativismo. Não há mais qualquer noção de “bem” ou “mal”, de “certo” ou “errado”, de “belo” ou “feio”. O emblema mais característico de nossos dias parece ser o *tudo é relativo* de Albert Einstein, pois:

Até mesmo as identidades sexuais e biológicas tradicionalmente aceitas foram colocadas em questão. Entre o típico heterossexual masculino e feminino, Adão e Eva, há hoje uma quase infinidade de tipos – do bissexual ao assexuado, passando por travestis, homossexuais, andróginos, transexuais, drag queens, etc. A engenharia genética, de sua parte, poderá tornar possível a multiplicação de clones humanos, isto é, a fabricação em série de indivíduos idênticos.

Com isso, a ciência poderá eliminar definitivamente a noção de transmissão hereditária natural de geração após geração. (Arbex Júnior, 1996: 06).

O desencanto com a natureza, cujos mistérios e enigmas eram celebrados com reverência e respeito, é uma das consequências desse novo mundo. Até a morte antes dignificada, celebrada e temida como a fronteira insondável, passou a ser banalizada e é apenas mais um desafio à ciência.

Um ano antes dos acontecimentos de maio de 1968, o filósofo francês Guy Debord publicou uma obra paradoxal para pensarmos nosso tempo. *A sociedade do espetáculo* (1997) é um livro lúcido e demolidor que traz uma análise fria da moderna sociedade de consumo. Nele, Debord mostra que nossa sociedade é a sociedade do espetáculo e o reino autocrático da economia mercantil que acendera ao *status* de soberania irresponsável e o conjunto das novas técnicas de governo que acompanha esse reino. As contestações que se seguiram ao maio de 1968 e sacudiram boa parte do planeta nem se quer abalaram essa nova ordem dada, haja vista que:

O movimento de inovação tecnológica, que já dura muito tempo, é constitutivo da sociedade capitalista, chamada às vezes de industrial ou pós-industrial. Mas, desde que recebeu seu mais recente impulso (logo após a Segunda Guerra Mundial), ele reforçou ainda mais a autoridade espetacular; por seu intermédio, todos se vêm inteiramente entregues ao corpo de especialistas, a seus cálculos. A fusão econômica-estatal (acredito que seja hífen aqui – grudado nas duas palavras) é a tendência mais manifesta do século XX; ela se tornou o motor do desenvolvimento econômico recente. A aliança – defensiva e ofensiva – firmada entre essas duas forças, a economia e o Estado, garantiu-lhes os ganhos comuns em todos os domínios: pode-se dizer que cada uma das duas possui a outra; é absurdo opor uma à outra, ou fazer uma distinção entre suas razões e desrazões. Essa união também se mostrou muito favorável ao desenvolvimento da dominação espetacular, que desde sua formação, não era outra coisa. Os três últimos aspectos são

efeitos diretos dessa dominação, em seu estágio integrado. (Debord, 1997: 175).

Para Guy Debord (1997), as modernas condições de produção transformam as sociedades nas quais estão inseridas em um imenso acúmulo de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. Dentro dessas modernas condições de produção, a unidade da vida já não pode ser restabelecida. Aqui o conceito de espetáculo serve para nomear toda a sociedade que se serve das condições modernas de produção, onde não há mais lugar para a experiência. Vive-se de aparências, pois:

A sociedade que se baseia na indústria moderna e fortuita ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente espetaculista. No espetáculo, imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenrolar é tudo. O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo. (Debord, 1997: 17).

Nessa sociedade, a comunicação é atribuição exclusiva da direção do sistema. A separação entre o trabalhador e o que ele produz interrompe a comunicação e o acúmulo de experiências. A vida vira uma eterna repetição do mesmo. É a maldição de Prometeu se estendendo à suas criaturas. A cultura, que seria a representação do vivido, aparece desligada do mito e essa aparente independência é, na verdade, o seu declínio. Ela não faz mais ligação com a experiência e vê-se obrigada a negar a si mesma.

A vida que virou espetáculo tem, na televisão, que transmite imagens 24 horas do dia, uma forte aliada que nos dá a ilusão de trazer o mundo inteiro para dentro de nossas casas. Hoje, tudo é vigiado por câmaras e seduzido por esse mundo em que o olho eletrônico transforma o planeta em um grande palco, e nós, espectadores, nos transformamos em prisioneiros de sua malha através do apelo ao narcisismo.

Essa época de extremo relativismo e poder das imagens teve seu crescimento a partir dos anos 60 do século XX, com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa: da televisão, do rádio e da imprensa escrita. Tudo isso se acelera com o aparecimento dos computadores pessoais, das fibras óticas e da multiplicação de possibilidades de interação entre telefones, televisão e computadores.

As crianças e jovens que recebemos, hoje, em nossas escolas já vêm com toda essa carga que a sociedade do espetáculo imprimiu neles. Uma poderosa carga de imagens. Seu mundo é feito de referências imagéticas e eles são estereótipos delas. Não passam de uma “banda

numa propaganda de refrigerante”². Despersonalizados e robotizados são, aos nossos olhos, alienígenas, mas aos olhos deles os extraterrenos somos nós. Dois mundos estão prontos para se colidirem.

Fortemente influenciados pela mídia, nossos alunos, que há muito têm resistência à escola e à sociedade tradicional, têm, nas últimas décadas, tirado o sono de especialistas que, aparentemente, têm enxergado o problema por um ângulo reduzido. Colocar a culpa na escola ou no educador não ajuda a resolver a questão, por outro lado, culpar Deus e o mundo, muito menos.

Pensando a educação como um processo, podemos então percorrer um espectro maior e certamente poderemos localizar vários pontos que estão obstruindo o fluxo do conhecimento. Até aqui pensei a “crise” do nosso modelo educacional como remanescente das novas situações colocadas pela modernidade. Posto que uma nova maneira de se organizar a vida foi gestada, uma nova escola naturalmente deveria surgir dela. Acontece que o vórtice ao qual estamos presos não nos permite adequarmo-nos às mudanças com a mesma velocidade com que elas ocorrem.

No artigo *Alienígenas na sala de aula*, Green e Bigum vão, na tentativa de entender quem são os estudantes atuais, caracterizar “a juventude contemporânea como um fenômeno de impressionante complexidade e contradição, [...] nossa atenção aqui está focalizado mais especificamente no processo de escolarização, na cultura popular e no pós-modernismo”, (1995: 209) explicam os autores.

Essa leitura leva-nos da modernidade para uma etapa posterior: a pós-modernidade, um período onde as meia certezas que estávamos construindo já não servem mais. Green e Bigum estão preocupados em analisar a forma como os meios de comunicação de massa, o *rock* e a cultura da droga influenciam a formação de uma nova subjetividade no estudante contemporâneo. Eles fazem um deslocamento da escola para a mídia eletrônica de massa como o “contexto socializador crítico”. A mídia é vista como participante ativa na (re) produção de identidades e formas culturais estudantis.

Esse conflito entre mídia e educação teve início em meados da década de 1950. Com as novas tecnologias surgindo, os professores e educadores não sabiam como lidar com a novidade. Mas, enfim, qual seria a grande dificuldade? A questão é que, na maioria dos casos, a

² GESSINGER, Humberto. Terra de Gigantes. *Destinos I* Engenheiros do Hawaii. CD 1. Universal Music, 2001, faixa 12.

mídia era usada só para entreter. Daí a dificuldade em fazer com que os alunos conseguissem fazer uso educativo de um instrumento totalmente recreativo. Essa dificuldade perdura até hoje. Imagina-se que, ao introduzir um aparelho de tevê na sala de aula, ou fazer uso de revistas e jornais, possa-se causar um desvio do objetivo principal: educar.

O artigo de Green e Bigum coloca a pergunta em relação a quem são os alienígenas na sala de aula, se os alunos ou os professores. É este debate que leva os autores a refletirem sobre a interface entre a cultura juvenil e as novas tecnologias do texto da imagem e do som.

O espectro da pós-modernidade assombra os lugares anteriormente sagrados pelos quais nossa própria geração uma vez se movimentou com grande confiança, como o tinha feito a geração antes de nós. Agora, as fundações tremem, para dizer o mínimo – na verdade, elas já são poucas e tendem a diminuir, ou assim é o que parece. (Green e Bigum, 1995: 213).

O texto chega a classificar a mídia de “aparelho ideológico de Estado”, usando uma terminologia de Althusser³. Os novos desenvolvimentos tecnológicos e culturais que englobam as mídias, em especial a televisão, o computador e o vídeo, são, na perspectiva dos autores, frutos da pós-modernidade, um tempo feito de simulacros, onde os nexos não se encontram, onde nunca uma história chega ao fim porque a todo o momento entrecruza-se com outra. É como se fosse um aparelho de TV com defeito que sintoniza todos e nem um canal ao mesmo tempo.

Este tempo, para os autores, cria uma outra subjetividade na juventude, subjetividade diferente da nossa, e é isso que nos afasta deles e, então, para sabermos ler este outro, temos que aprender a decodificar sua linguagem que teria forte influência das mídias. Neste caso, os símbolos

³ Filósofo marxista francês nascido na Argélia. Desenvolveu a Teoria dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) para pensar a relação de seu tempo com os meios de comunicação de massas. Tributário de Cramsci surge como novo referencial teórico nas discussões sobre o impacto das comunicações de massa na sociedade contemporânea. Sua formação englobava a uma só vez a epistemologia de Bachelard (mais presente nos seus textos de discussão entre ideologia e ciência), o estruturalismo francês e a psicanálise freudiana, segundo a leitura de Lacan. Politicamente a posição de Althusser é de marxista, inimigo das proposições humanistas dos marxistas-hegelianos, tipo Lukács ou Lucien Goldmann. Autor, por exemplo de *A Favor de Marx* (1963), *Ler 'O Capital'* (1965) e *Posições* (1976).

que nascem destes meios de comunicação é que são os desafios. Saber ler este novo alfabeto, desvendar o enigma da esfinge antes que ela o mate é missão do novo Édipo.

O artigo *Alienígenas na sala de aula* termina propondo que enfrentemos o desafio de decifrar a linguagem juvenil que nasce junto ou copiada das novas mídias:

Os alienígenas da ficção científica são criaturas de outros mundos. Em nosso presente e emergente ecologia digital, existem mundos que estão aparentemente fora do alcance de cyborgs mais velhos, mas no interior dos quais os/as jovens cyborgs estão ocupados, neste exato momento, na tarefa de moldar e fabricar suas identidades. As escolas podem perfeitamente se tornarem locais singulares, como mundos próprios nos quais cyborgs gerencialmente diferentes se encontram e trocam narrativas sobre suas viagens na tecno-realidade – desde que nós nos permitamos reimaginá-los de uma forma inteiramente nova, em negociação com aqueles que um dia tomarão nosso lugar. (Green e Bigum, 1995: 240).

Colocando um ponto de discordância, não total, mas de deslocamento geográfico e econômico, já que Green e Bigum escreveram seu artigo tendo como parâmetros pesquisas feitas na Austrália, fico pensando nas diferenças de nossa realidade brasileira onde, como já mencionei, a questão não é só de como usar as novas tecnologias da informação na educação, mas sim de propiciar a todos o acesso à escola e às novas tecnologias e, ainda, dotar os professores e as escolas da capacidade de usar tais técnicas. Afinal, enquanto o usuário não dominar a tecnologia, a novidade vai figurar apenas como um componente do seu *status*.

Segundo o professor Luiz Maranhão Filho (1999):

Enquanto o professor da escola fundamental não for conscientizado do uso do gravador, das aplicações de um videocassete, da capacidade seletiva de uma antena parabólica, as escolas continuarão a ser enfeitadas pela Mídia, ocultando apenas a sua improdutividade. Para a vocação extensionista que tem a Universidade Brasileira, nos dias atuais, deveria ser aberto esse campo complementar nos sistemas de educação. Como

extensão, o regente de classe pode ser treinado para gravar e reaproveitar, seletivamente, os vídeos que recebe. Pode ser habilitado a usar segmentos de filmes para montar a sua aula, pode receber noções da comunicação gráfica, impressa hoje, com facilidade, nos computadores. Pode entender o que seja “construção de personagem”, nesse mundo mítico que é a telenovela e, desse instrumental, extrair o processo mais atualizado de ensinar a história, a geografia, a ciência política, o desenvolvimento das ciências e até o lazer.

(Educação e Mídia. www.proext.ufpe.br/cadernos/educacao/Midia.htm).

Essa, sem dúvida, é a questão que deve nos inquietar, pois os cursos de licenciatura, tanto nas Universidades públicas como nas privadas, não só não usam tais equipamentos como não treinam os jovens professores para usá-los. Sem falar deste debate sobre as novas mídias, que alguns acham superado, mas que ainda não ganhou a sala de aula de nossas escolas de ensino superior. Aqui, confesso, abandono meu ranço contra o debate ufanista das maravilhas que as mídias podem trazer à educação e se esse novo mundo povoado por computadores, Dvds, internet, é o melhor, para propor apenas que os cursos de licenciatura levem seus alunos a pensar em como educar em um mundo inundado pela mídia.

Educar é algo que depende dinheiro, quer seja para a família, governo ou instituições privadas. Mas é um investimento que o retorno se vê em longo prazo e sem lucros palpáveis. É um veículo de comunicação, acima de tudo, é uma empresa. Sendo assim, visa majoritariamente lucros. Basta verificar as diferenças entre veículos que investem em educação em relação aos de entretenimento, por exemplo, TV Cultura e Globo. A diferença pode ser notada nos anúncios publicitários, nas produções dos programas – a primeira prioriza o conteúdo, que muitas vezes não atrai devido à estética – e finalmente na audiência.

Será que os controladores das mídias, o capital privado, estão dispostos a criar programas educativos? No Brasil, já houve, no Ministério da Instrução Pública – depois de Educação e Cultura – um setor específico do Filme Educativo, confiado pelo Governo a um dos nomes mais importantes da gênese do cinema nacional, o mineiro Humberto Mauro, já consagrado na imprensa e nas mostras

internacionais pelas suas películas de curta e média metragem: *Ganga Zumba*, *A velha a fiar*, etc. Sou forçado a reconhecer que a mídia deve alguma coisa ao país.

Educação, definitivamente, custa caro. A revista *Nova Escola*, da Fundação Victor Civita, tem sua distribuição feita a preço de custo nas escolas. O grupo busca fazer sua parte, mas é muito pouco se comparada com a quantidade de informações e o fácil acesso a outros veículos nada preocupados com educação.

Segundo pesquisa recente, divulgada pelo Observatório da Imprensa, e realizada pela estudante de jornalismo Vanessa Candia, os veículos de comunicação no país, sobretudo os impressos, dão pouco espaço para se discutir educação.

Um rápido tour pelos principais veículos mostra uma certa indiferença com relação ao assunto. Tanto a Folha de S. Paulo quanto O Estadão em seus cadernos de educação abordam somente assuntos relacionados à política. MEC, Provão, Enem, cotas de universidades, resultados de vestibulares de universidades, como USP e Unicamp, e sempre criticando. Ora a favor de uma decisão do governo, ora criticando a mesma decisão do governo. No que isso pode educar? Sem mencionar os dias em que as mesmas notícias ficam expostas no site como se não houvesse mais nada a dizer, somente decisões políticas, que na maioria só dificultam a situação.

E quanto às revistas? A Veja, por exemplo, num período de três meses, de junho a agosto, o equivalente a mais ou menos doze revistas, trouxe duas reportagens sobre educação. As editoriais de saúde, comportamento, belezas e outras sempre têm novidades. Menos educação. O mesmo acontece com a Época e a IstoÉ. A primeira, no mesmo período, trouxe uma entrevista com o ex-ministro da Educação, Cristovam Buarque, e uma reportagem que, apesar de estar numa editoria de educação, falava sobre aulas de ioga para os pais dos alunos. Já a IstoÉ não abordou nenhuma matéria sobre educação. O interessante é que tanto espaço é dado para desastres, guerras, falcatuas políticas que, de certa

maneira, justificam uma determinada “abominação” em mesclar um conteúdo educacional entre tanto lixo. É como se fosse plantar trigo no meio de joio. (Candia. O cordeiro tachado de lobo. <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos>).

Não discuto a capacidade cognitiva das mídias. Se não acreditasse que seria possível transmitir informação, algum tipo de conhecimento, através de meu trabalho como jornalista, não teria abraçado essa profissão. Porém, desconfio e muito da intenção do capital que controla os meios de comunicação. Como mostrei, a burguesia que ascendera ao poder com as revoluções Industrial e Francesa tinham o firme propósito de se manter no poder e isso não mudou. A crença de Marx na transformação da sociedade ou na superação da sociedade de classes através da ação do homem novo – o proletário – que nascera junto com a indústria, não se confirmou. O capital é Senhor absoluto em nossa sociedade.

A professora Judith Lazar, dissertando a respeito do poder da televisão de transmitir conhecimento, afirma que ela não “foi feita para mobiliar um apartamento, mas é um instrumento de guerra ofensiva e defensiva contra a ignorância”. (1999: 91-92).

Achei bastante interessante a comparação da televisão com uma arma de guerra, porque, na verdade, é isto que ela é. Uma poderosa arma de controle ideológico – no sentido althusseriano – e esta arma de guerra está voltada contra seu público. A programação de praticamente todas as redes prioriza a propaganda, a difusão do consumo, do individualismo e do egoísmo, estas que são as molas propulsoras do capital.

Algumas poucas tentativas de se criar programas educativos, por parte das redes de TV no Brasil, podem ser citados: Telecurso 2000, Amigos da Escola, programas infantis como *Rá-tim-bum*, o extinto *Bambalalão*, *Vila Sésamo*, o canal Futura, a revista Nova Escola e outros que resistiram ao combate entre ambas as partes. Um saldo bem pobre se pensarmos a quantidade de programas já desenvolvidos pelas quatro grandes redes de TV no país.

Quando na primeira metade do século passado os pensadores da Escola de Frankfurt viram na cultura de massas um instrumento capaz de alienar o povo, desviando-o dos verdadeiros problemas, estava disparado o alarme contra o uso que se fazia e faz, por parte do capital, das técnicas de comunicação.

Se a televisão, ainda, não cumpre o papel no sentido da transmissão do conhecimento cognitivo, ela o faz na transmissão do conhecimento geral, mas é um conhecimento que precisa ser mediado, ou seja, necessita da participação da escola, do profissional da educação, para que ele possa ser apreendido. Solto no meio de tanta informação, ele se perde no ar.

Os meios de comunicação depuram os fatos antes que eles cheguem até nós. Não há informação desinteressada ou neutra. Dentro do jornalismo não podemos falar que esse profissional ou aquele veículo são neutros ou menos tendenciosos que o concorrente. Se compararmos uma mesma notícia vinculada pelos 10 maiores veículos de comunicação do país, vamos perceber que em cada um deles ela terá uma conotação diferente, apesar do fato gerador ter sido o mesmo. Aí está uma discussão sobre verdade histórica. A verdade, que aparece na notícia, depende da forma como cada jornalista tratou as fontes de investigação e de qual ângulo cada um deles olhou para o mesmo fato. Sem falarmos nos interesses que cada um deles representa.

Até chegar novamente ao público, o fato passa por uma séria de filtros – instituições e / ou pessoas – que selecionam o que ouvimos ou lemos, que editam a realidade, pois: “Editar é construir uma realidade outra a partir de supressões ou acréscimos em um acontecimento, ou, muitas vezes, apenas pelo destaque de uma parte do fato em detrimento de outra.” (Baccega, 2000: 97). Editar é destacar uma parte do todo para atender a um interesse determinado. É reconfigurar algo dado.

Para não ficarmos, somente com a verdade editada pela mídia, temos que conhecer a realidade em que vivemos. Conhecendo os fatos poderemos fazer uma outra leitura e compará-la com a dos veículos de comunicação. É por isso que os meios de comunicação, usados enquanto agentes educadores, necessitam da mediação de um educador/escola, preparado para usá-los, haja vista que:

A televisão é muito mais do que um aglomerado de produtos descartáveis destinados ao entretenimento da massa. No Brasil, ela consiste num sistema complexo que fornece o código pelo qual os brasileiros se reconhecem brasileiros. Ela domina o espaço público (ou a esfera pública) de tal forma, que, sem ela, ou sem a representação que ela propõe do país, torna-se quase impraticável a comunicação – e quase impossível o entendimento nacional [...] O espaço público no

Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão [...] O que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro. O que não é iluminado pelo jorro multicolorido dos monitores ainda não se integra a ele. (Bucci, 1997: 09-11).

Por esse ponto de vista, a TV é a responsável pela idéia que boa parte dos brasileiros tem de Brasil. E nem sempre o ponto de vista que ela exhibe ajuda a construir a cidadania. Na maioria das vezes ela está subordinada aos interesses do capital que cria em escala mundial uma identidade padrão, global.

São os meios de comunicação, em especial a televisão, que divulgam, em escala mundial, informações (fragmentadas) hoje tomadas como conhecimento, construído, desse modo, o mundo que conhecemos. Trata-se, na verdade, do processo metonímico – a parte escolhida para ser divulgada, para ser conhecida, vale pelo todo. É como se o “mundo todo” fosse constituído apenas por aqueles fatos / notícias que chegam até nós. (Baccega, 2000: 106).

A questão é que muitos de nós, e principalmente os educandos, acriticamente aceitam estas informações como se fossem conhecimento, sem a necessária reelaboração. Quando Walter Benjamin criticou os meios de comunicação de massa, em particular nos artigos *A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica* e *Experiência e pobreza* e o *Narrador*⁴, é nisto que ele estava pensando. Benjamin já nos alertava para o princípio básico da comunicação na modernidade que é a fragmentação, a descontinuidade que, segundo ele, não leva em consideração nossa experiência. As modernas técnicas de comunicação criaram, para ele, uma nova maneira de narrar a vida desconsiderando a vivência do público e, desta forma, levando à atrofia os modos antigos de narração como a contação de estórias. A oralidade que sustentava os fatos e a história é abandonada e em seu lugar nasce, com a grande imprensa e o cinema, presentes na época de Benjamin, uma outra forma de contar os fatos que, para ele, não integra o indivíduo a estória, que não faz ligação com o que ele sabe:

Villemessant, o fundador do Figaro, caracterizou a essência da informação com uma fórmula famosa. Para meus leitores. Costumava dizer, o

⁴ Reunidos, no Brasil, no volume I de suas obras escolhidas editadas pela Brasiliense.

incêndio num sótão do Quartier Latin é mais importante que uma revolução em Madri. Essa fórmula lapidar mostra claramente que o saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos. O saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou longe temporal contido na tradição –, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação aspira ser compreensível “em si e para si”. Porém, enquanto esses relatos recorriam freqüentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. (Benjamin, 1994: 202-203).

Os acontecimentos selecionados para virarem notícias são transformados em espetáculos. Como foi dito anteriormente, já em 1967 Guy Debord demonstrava que a forma mais desenvolvida da mercadoria era antes a imagem do que o produto material concreto. O espetáculo obscurece o conhecimento, empobrecendo a crítica da realidade. Entorpecidos, ficamos a contemplar o show da informação como se tudo fosse fantástico.

Não podemos esquecer que os veículos de comunicação são os porta-vozes da chamada posição liberal, e que custam caro e que, por isso, estão nas mãos daqueles que detêm o capital. E que é essa elite, também, a detentora do lugar de prestígio, a partir do qual emite, segundo Marilena Chaui, seu *discurso competente*.

Todos nós lembramos dos imensos relógios que a Rede Globo de Televisão instalou pelas principais cidades do país em 2000 durante as comemorações dos 500 anos do descobrimento. Para o jornalista e crítico de TV Eugênio Bucci, esses relógios monumentos,

Encarnavam o repertório televisivo desaguando sobre o mundo físico em que circulam os cidadãos de carne e osso: eram o virtual adquirindo materialidade no cotidiano urbano. As fronteiras entre a dimensão etérea das imagens eletrônicas e a dureza corpórea das vias de asfalto e das torres de concreto se dissolvem na construção de um imaginário integrado. (Bucci, 2000: 07-08).

Imaginário que, no Brasil, durante as décadas de 60 e 70 do século passado, estivera preso aos projetos culturais do Estado, sob a inspiração da doutrina de segurança nacional. Hoje, vivemos um imaginário globalizante e globalizado em que:

O telespectador que se formou como brasileiro hipnotizado pelas imagens do projeto nacional – essas imagens o constituíram – flana hoje como um consumidor da cultura mundial. A face brasileira é uma face televisiva, por certo. Mas a face televisiva, agora, não é mais apenas brasileira. Ultrapassou a lógica do Estado nacional e tornou-se um reflexo – ao mesmo tempo que um agente – de uma cultura industrializada em escala planetária. E aí, sobretudo, o limite entre o imaterial e o concreto se dissolvem. A realidade é o que as imagens dizem que ela é. As imagens revestem o mundo, com sua linguagem global. (Bucci, 2000: 07-08).

E essas imagens não são capturadas ao acaso e simplesmente chegam até nós. Como disse antes, elas são selecionadas, escolhidas, editadas, construídas. Elas são vistas por aproximadamente 98% da população brasileira entre 10 e 65 anos que vêem TV pelo menos uma vez por semana, e sozinha. A TV atrai duas vezes mais público do que todos os outros meios impressos. A relação da TV, no Brasil, é desproporcional se comparada aos outros meios de comunicação. Milhões de crianças passam mais horas diante da TV do que dentro da sala de aula. Então, é possível imaginar um processo educacional sem que os meios de comunicação não sejam levados em conta?

Foi no século XV que se inventaram os caracteres móveis da imprensa, o que tornou possível os jornais. Graças à técnica de emissão de ondas hertzianas, ampliou-se a capacidade das comunicações simultâneas. A exibição de filmes se amplia com a TV e a internet inaugurou a era da comunicação global, pela utilização conjunta do telefone e do computador. Tudo graças à evolução da técnica.

As vias de comunicação evoluíram no sentido de uma conjugação de veículos e técnicas, para criar uma rede complexa e global que conglomerava empresas de produção de comunicação, empresas de distribuição dos produtos, a indústria da informática ou da computação eletrônica e o vasto setor de telecomunicações, inclusive por via satélites espaciais.

O número de computadores ligados, hoje, à rede supera os 50 milhões e o número de usuários ultrapassa a um bilhão. A indústria conglomerada das comunicações (multimídia) já é o setor mais próspero da economia mundial. Um dos principais produtos da pauta de exportações norte-americana é o conjunto dos filmes produzidos em Hollywood.

As mídias são um poder incontestável na sociedade contemporânea, elas dominam a vida dos cidadãos e, em uma sociedade de regime verdadeiramente democrático, deveriam estar sob controle público. Entretanto,

Na realidade[...] a organização do espaço público de comunicação – não só em matéria política como também econômica, cultural ou religiosa – faz-se, hoje, com o alheamento do povo, ou com sua transformação em massa de manobra dos setores dominantes. Assim, enquanto nos regimes autocráticos a comunicação social constitui monopólio dos governantes, nos países geralmente considerados democráticos o espaço da comunicação social deixa de ser público para tornar-se, em sua maior parte, objeto de oligopólio da classe empresarial, a serviço de seu exclusivo interesse de classe. (Comparato, 2000: 190).

Desse esquema avassaladoramente oligarquico só escapa a internet, em razão de sua estrutura atomística.

Com a utilização desses meios informático-mediáticos da internet e de softwares de autoria — que possibilitam produções multimídia e a conversão destes em páginas htm, podendo assim, serem utilizadas na internet na forma de *homepages* — almeja-se a concretização da idéia do aluno enquanto autor, indivíduo agente em seu próprio ritmo. Com seus anseios, com suas buscas, com suas bricolagens, auxiliado pelo professor/facilitador quando este se fizer necessário, ele pode construir saberes que lhe sejam significativos e compartilhá-los com os seus semelhantes.

O computador, a internet, as tecnologias de comunicação informatizadas, em geral, já proporcionam recursos hiper mídias de trocas de informações e, cada vez mais, auxiliam os processos de pesquisa, comunicação, troca de experiências, workgroups, telepresença e tantas outras possibilidades que precisam ser descortinadas.

Entretanto, diante desse turbilhão de informações que povoa e inunda a imensa infovia, que vem se alastrando e envolvendo gradativamente todo o planeta, precisamos nos manter atentos porque o mundo da informática fornece o conteúdo (como o livro e a televisão), mas o sujeito que o opera é quem determina as formas de acomodação (aqui está a diferença).

A diferença é o problema! Porque se nossas Universidades continuarem a formar professores que não são treinados para reger uma sala de aula, que não sabem qual o botão apertar para ligar o aparelho de DVD, simplesmente porque a Universidade na qual estudou não tinha tal equipamento em seu laboratório de prática de ensino, então estamos diante de um problema: de um lado as mídias são uma realidade e seus entusiastas defensores alardeiam as maravilhas que ela poderá trazer ao sistema educacional e, de outro, professores e escolas que não têm e não sabem usar os equipamentos das mídias. É neste momento, neste impasse, que a diferença se mostra.

Ao meu ver, é essa dicotomia, entre a técnica que se renova a cada dia e os homens, que não conseguem se adaptar a ela, que alimenta nossa modernidade, e é sua própria razão de ser. Como podemos abandonar o debate sobre o que significa o uso das mídias na educação em um país de excluídos, onde mais de 30% da população é analfabeta e por isso não têm acesso às modernas técnicas de comunicação? Onde a maioria dos professores de 1ª a 4ª série do ciclo básico não é graduada e não ganha o suficiente para ter em casa um aparelho de vídeo, que já está para sair do mercado? Como abandonar o debate se ele nem se quer foi iniciado no lugar privilegiado para ele: os cursos de licenciatura de nossas escolas superiores?

Que as mídias são instrumentos que podem e devem ser usados pela educação não tenho dúvidas. Mas a questão, aqui no Brasil, no 3º mundo, a meu ver, não é esta falsa polêmica, mas sim se temos escolas de boa qualidade para todos. E, ainda, se as escolas que temos estão preparadas para trabalhar com as novas tecnologias de comunicação. Isso significa que, além de ter os equipamentos, os professores devem estar familiarizados com seu uso. Os governos devem dotar a escola pública de tais equipamentos, e olha que há escolas onde faltam até giz, apesar de existirem pessoas que acreditam que não se usam mais giz e quadro negro na educação, só data-show e computadores.

O que, como e quando usar é uma questão que o professor deverá responder, mas ele está preparado para fazer tal escolha? Os

meios de educação de massas não educam sozinhos, eles carecem de mediadores, e onde eles estão? Quem os está formando?

A modernidade que nossas elites importaram é excludente e perversa. Ela ignora as populações que foram varridas para suas margens. Só há espaço em seu interior para alguns. Como afirmou Berman(1989), a modernidade nos promete “aventura, poder, crescimento, alegria, mas ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”. Será que já não é hora de Fausto propor um novo pacto, construir um outro mundo que de fato leve as pessoas ao crescimento material e espiritual? Já não deveríamos ter banido a crença nas promessas de Mefisto? A sociedade que queremos não tem lugar para a mentira e a ignorância que são primas irmãs do atraso, do subdesenvolvimento econômico e humano.

Referências Bibliográficas

- ARBEX JÚNIOR, José. *Mundo pós-moderno*. São Paulo: Scipione, 1996.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação / Educação: aproximações. In: HAMBURGER, Esther – BUCCI, Eugênio (org.). *A TV 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abrano, 2000.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história cultural*. 7ª ed. Obras escolhidas Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempos de TV*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- _____. Introdução: por quê criticar a TV? In: HAMBURGER, Esther – BUCCI, Eugênio (org.). *A TV 50: A TV 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abrano, 2000.
- CANDIA, Vanessa. O cordeiro tachado de lobo. <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos>.
- COMPARATO, Fábio Konder. A democratização dos meios de comunicação de massa. In: HAMBURGER, Esther – BUCCI, Eugênio (org.). *A TV 50: A TV 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abrano, 2000.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- EINSTEIN, Albert. *Mi visión del mundo*. Barcelona: Tusquets, 1981, p. 12.
- GREEN, Bil & BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- HAMBURGER, Esther – BUCCI, Eugênio (org.). *A TV 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abrano, 2000.

- LAZAR, Judith. Mídia e aprendizagem. In: *Mediatamente!* Televisão, cultura e educação. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.
- MARANHÃO FILHO, Luiz. Educação e Mídia. www.proext.ufpe.br/cadernos/educação/Mídia.htm.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Mediatamente!* Televisão, cultura e educação. Brasília: MEC/ SEED, 1999.
- SADEK, José Roberto. Educação, movimento e escolha. In: *Mediatamente!* Televisão, cultura e educação. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.